

A REZADEIRA VÂNDALA

A MATÉRIA É MEMÓRIA - MARLÚCIA TEMPONI

Vejo de cima, de dentro do avião uma cidade com muitos telhados. O plano da cidade redesenha as curvas do mar.

O calor quente da cidade me atrai. Andar pelo centro da cidade é exercitar o olhar se deparando com uma infinidade de ambulantes. Carrinhos repletos de frutas coloridas onde se misturam variados formatos e tons de amarelos, laranjas e vermelhos, incomuns para mim.

Fortaleza, assim como todo o estado do Ceará possui uma forte relação com sua cultura, suas crenças, folclore e tradições. A parte histórica da cidade é formada por muitos prédios em estreitas ruas, e muitas praças. Nos interessam nove destas muitas praças. Todas relativamente perto uma da outra.

Nove praças, uma rezadeira. Nove espaços abertos ao céu. Preenchidas com bancos, árvores. Um fluxo de pessoas cruza os espaços abertos.

Diz a lenda, que por volta de 1964, época da ditadura militar, perambulava por ali uma rezadeira que benzia pessoas e os lugares por onde passava. Seu trajeto incluía nove praças: Praca do Ferreira, Praça dos Leões, Praça da Polícia, Parque das Crianças, Praça Coração de Jesus, Praça do Carmo, Praça Floriano Peixoto, Praça José de Alencar e Passeio Público.

A praça do Coração de Jesus era onde ela se purificava. Segundo o Dicionário Bíblico, ser purificado ou limpo significa “ficar livre de defeitos que desqualificariam para o uso ou para a atividade religiosa. Ser eticamente puro significa demonstrar-se, nos pensamentos e na conduta, escolhido por Deus”¹.

Em 2014, uma artista cearense, Juliana Capibaribe, a Rezadeira Vândala, repete a ação e usa como mote de seu trabalho a pergunta: Você se lembra de quando você era criança?

Ela se manifesta sob o sol, usando um grande chapéu. Uma benzedura que reza a infância, e busca uma memória distante. Sua ação abarca intenções reais disfarçadas em mensagens que alcançam a mais distante lembrança e aguça nossos pensamentos.

Meu trabalho é buscar rastros, marcas, registros e vestígios que de alguma forma unifique e solidifique a presença das rezadeiras. O que trago são intenções de recolher, captar e reconhecer vestígios deixados por transeuntes das praças, benzidos ou não, enquanto caminho pelas praças. Me interessa a memória contida. Interessam ainda mais as pessoas que trafegam por ali. Carrego comigo argila. Troco palavras com as pessoas, pergunto sobre a rezadeira e convido para participar da ação. A mesma pergunta: “Você se lembra de quando você era criança? A partir da pergunta o participante constrói com a argila, algo que lhe remeta a infância.

¹ <http://biblia.com.br/dicionario-biblico/p/purificar-> Acessado em: 23/01/2015

Ouço muitas histórias, recolho pequenos objetos esculpidos no barro. São formas onde se fundem gestos, inscrições e memórias.

Pequenas peças feitas a partir da técnica de *frottage*¹, que consiste na pressão de placas de argila sobre espaços, muros, cercas, azuleijos, arvores, pedras, etc., são adicionadas a coleção. Faço uso da *frottage* Segundo o filósofo Didi Huberman, a “*frottage é uma técnica arqueológica por excelência: capta os traços mais antigos e menos visíveis que sejam. Traz à luz fósseis de gestos*”, *tempos breves (rastros de animais), ou tempos longos (formações geológicas)*”². Uso -a como forma de recolher daquelas praças vestígios de um tempo passado. Tempo, pessoas, histórias, memórias... vestígios.

As peças foram queimadas em um forno de papel. Um forno de queima alternativa de cerâmica em formato de fogueira recoberta de barbotina (argila líquida). O forno se consome e, sob cinzas e fuligens, surgem peças de um vermelho amarronzado com manchas escuras que serão colocadas na parede branca da galeria.

Pequenas peças presas aleatoriamente sobre a parede criando um emaranhado de sentidos.

Resultado de uma relação entre tempos. A distância representada por objetos de memória e a proximidade que, na contemporaneidade, nos faz revisitar o passado.

¹ *Frottage* – a técnica de esfregar. Também, a criação de um padrão feito segurando-se papel sobre uma superfície com textura e esfregando-se lápis ou crayon; muitas vezes utilizada como um elemento da colagem, às vezes como uma representação pictórica de uma área (MAYER, 1996, p. 609).

² DIDI Huberman, Georges. Ser Crânio: lugar, contato, pensamento, escultura. Ed c/Arte, 2009, p.63